

**+ ECONOMIA** **LEONARDO VIECELI** INTERINO

leonardo.vieceli@zerohora.com.br

## RESPOSTAS CAPITAIS

**MARCELO NERI** Economista e diretor do FGV Social

# “A desigualdade voltou a subir no país”

*Referência em políticas sociais, Marcelo Neri demonstra preocupação com os impactos da crise. Pesquisa do centro de estudos FGV Social, do qual ele é diretor, mostra que a diferença entre ricos e pobres voltou a subir no país em 2020.*



**O governo federal sinalizou estender o auxílio emergencial. Como o senhor avalia a eventual ampliação?**

É positivo estender o auxílio. Fazer extensão de dois meses parece adequado. O gasto inicial com o benefício foi relativamente alto. Então, uma proposta de valor de transição, como R\$ 300 por mês, faz sentido. Mas seria importante qualificar o cadastro de beneficiários.

**Por quê?**

Vimos pessoas pobres que não foram incorporadas. Também houve casos de quem não deveria ter recebido o auxílio, mas ganhou. O governo está pagando as pessoas para ficarem em casa. Por outro lado, o presidente (*Jair Bolsonaro*) incentivou a população a ir para a rua. É como se o governo acelerasse e freasse o carro ao mesmo tempo. O melhor seria apontar para uma direção só, e a correta é a do isolamento.

**A desigualdade social deve voltar a subir no país?**

No primeiro trimestre, a parcela dos 50% mais pobres perdeu 6% da renda do trabalho, em relação ao último trimestre do ano passado. Enquanto isso, o grupo dos 10% mais ricos ganhou 1%. Ou seja, a desigualdade voltou a subir no país. Só tem uns 15 dias de impacto da pandemia nesses dados. É só o primeiro efeito da crise. Os mais pobres estão sofrendo mais. A perda de ocupação foi determinante. Então, ter o benefício é extremamente importante. Estamos vendo uma desaceleração brutal da economia, com consequências sociais gravíssimas. É uma desaceleração sem precedentes em termos de

velocidade. Esperamos que não seja em termos de duração.

**O debate sobre a criação de programa de renda mínima ganhou fôlego no país. É uma alternativa viável?**

Em momentos assim, é preciso ter foco na crise. Não acho que seja o melhor momento para criar um benefício universal. Na crise de 2008, o Brasil teve reação boa, mas manteve benefícios por muito tempo. Transformar uma crise em gasto permanente não parece ação adequada.

**O que mais pode ser feito para amenizar os prejuízos?**

Um Bolsa Família 2.0 ou algum *upgrade* do programa no CadÚnico, que é uma base focalizada, é mais adequado do que a renda mínima. O que não está funcionando, e seria muito importante, é o crédito para empresas. Precisamos ajustar essa estratégia. Além disso, temos o desafio de olhar para as diferentes realidades do Brasil.

**Como define o cenário para a economia brasileira?**

A pandemia testa nossa sociedade naquilo em que temos mais dificuldade, que é a criação de ações coletivas razoáveis. Não podemos reeditar nossa história de alta inflação, em que o Estado tenta proteger todo o mundo, mas acaba gerando décadas perdidas de crescimento, como no período de alta inflação. O risco, agora, não é de década perdida a partir de 2014. É de forte retrocesso. É importante, então, buscarmos soluções razoáveis, e não buscarmos questões que vão agravar a situação fiscal, sem reduzir a desigualdade.